

WILSPAS

---

PORTO  
Typographia de A. J. da Silva Teixeira  
Cancellaria Velha, 62  
1880

---



EDUARDO DE BARROS LOBO

---

---

# VESPAS

REVISTA MENSAL, CRITICA E HUMORISTICA

N.º 2

Fevereiro de 1880

---

---

Libreria Internacional

DE

Ernesto Chardron — Editor

Porto e Braga

---

1880

ROBERTO DE SALES 1840

# VESTPAS

Journal of the American Society of Civil Engineers

N. 2

February 1889

Volume 18

Published by the American Society of Civil Engineers

1889

1889



# Summario

---

À critica. Do papel da geometria nas relações sociaes. Duas fórmas de critica. Insinua-se n'um estylo ouriçado de perfidias que a fórmula *Recebemos e agradecemos* é um symptoma d'alienação mental, e dispendem-se thesouros de respeito pelos criticos atacados d'aphonia — O *meeting* de Trancoso e as epopêas. O Santo Padre e os ovos. — À critica manuscripta. Os abraços e as facadas. Antonio José Alves, especie de jornalista portuense. A philosophia do Inconsciente. Um nome que é uma synthese. — A *Marselheza*, jornal escarlata por escassez de bifes. Suas revelações ácerca da intemperança d'el-rei. Decidimos cortar as nossas relações com sua magestade. — A propriedade litteraria de Portugal no Brazil. A catechese da Candelaria, — cá de longe. Os tratados litterarios. Os gatunos que nos furtam os lenços e os editores brazileiros que nos furtam os livros. Do papel sellado na pratica da honradez. O que nós fazemos quando um larpapio tenta furtar as nossas batatas, e o que o snr. Camillo Castello Branco não póde fazer quando os livreiros americanos lhe contrafazem os livros. — A pendencia Urbanc de Castro e Reis Damaso. Um *steeple chase* nas ruas de Lisboa, — sonhado. O bom senso a repellir as phantasias do hysterico snr. Reis Damaso. Rei por graça de Deus. As visões de Santa Thereza e a declaração do snr. Damaso, trechos de litteratura ascetica. — À Patria. O recenseamento militar. Hontem e ámanhã. Estuda-se o papel da gloria no moderno espirito militar, e a influencia moderadora dos feijões no moderno patriotismo. O que é a vida do soldado, — sem flôres de rhetorica. A civilisação pelas guerras e a civilisação pelas machinas.

---



A l'égard de tout ce qui concerne les choses  
 de la terre, il est nécessaire de les regarder  
 comme des biens de Dieu, et de ne les  
 posséder que par sa permission. C'est  
 pourquoi il est si important de ne  
 pas se laisser aller à l'avarice, et  
 de ne pas vouloir s'enrichir  
 inutilement. Il faut au contraire  
 se contenter de ce que Dieu nous  
 donne, et être content de sa  
 portion. C'est la véritable sagesse  
 et la véritable liberté. Car  
 l'homme qui est attaché à sa  
 fortune, est esclave de sa fortune.  
 Mais l'homme qui est content  
 de sa portion, est libre de  
 tous côtés. Il ne dépend  
 de rien, et il ne craint  
 de rien. C'est pourquoi  
 il est si difficile de  
 se rendre libre, et si  
 difficile de se rendre  
 sage. Car il faut  
 vaincre sa nature, et  
 vaincre le monde.






# VESPAS

---

## I

 PRIMEIRA badalada do nosso rebate no campanario da critica, — isto é, ao sahir das mãos do brochador para as do publico o primeiro numero d'esta revista, — vibrou pelos nervos do jornalismo adiante um fremito de curiosidade, que se traduziu em varias fórmãs d'apreciação. A critica serviu-se tomar em tal conjunctura attitudes diversas, erguendo aqui longos braços ao céo em grandes gestos admirativos, tregeitando além uns esgares pedagogicos de *magister* assanhado, impertigando-se acolá em silencios



desdenhosos de mal disfarçada indiferença. De todas as maneiras, sob todas as fórmulas adoptadas, em todas as attitudes escolhidas, o nosso acatamento curva-se n'um angulo de sessenta graus, — o mais respeitoso a que se nos presta a espinha dorsal, — perante as graves decisões da critica. Veneramol-a com a profundeza interesseira de réos e com a precisão geometrica de transferidores. A filha dilecta de Planche, se sahir ao pai, ha-de sempre encontrar em nós as complacencias attenciosas d'um homem que sóbe á jerarchia de martyr pelo crisol das execuções litterarias, e desce á categoria de pobre-diabo pelo medo ás grandes estopadas dogmaticas.

Tivemos a invejavel honra de provocar sobre as nossas VESPAS todas as fórmulas conhecidas da critica indigena, desde a apostrophe violenta até á apotheose rhetorica, com escala pelo desdem cheio d'importancia propria. As navalhas, que fizemos feito votos para se não manifestarem no papel de correctivo, ficaram na loja do cutileiro, — a amolar, naturalmente.

Sem fallar das apreciações lisonjeiras, — por motivos bem de comprehender, — nem das apreciações hostis, — por motivos em que predomina o respeito para com todas as opiniões, — tomamos a liberdade d'analysar rapidamente as restantes fórmulas da critica, segundo o conhecimento pessoal que d'ella temos.



Primeira fôrma :

« VESPAS — n.º 1, janeiro de 1880 — Revista mensal, critica e humoristica, por Eduardo de Barros Lobo. Editor, Ernesto Chardron, Porto. — Recebemos e agradecemos ».

Não ha de quê. Realmente não ha de quê. Dispensavamos até os senhores criticos d'esta ultima fórmula, caso ella perturbasse demasiadamente os seus queridos habitos de mutismo. Porque emfim, nós bem sabemos o que são habitos, e somos cheios d'indulgencia pelos alheios. D'hoje em diante fica entendido que não consentimos de modo algum em ser os impertinentes perturbadores do silencio d'este genero de critica, ainda mesmo que ella teime com largos gestos cortezanescos em nos dispensar a sua delicada phrase, insistente e sempre repetida como a phrase symptomatica d'um monomaniaco.

\*

Nós já em tempo conhecemos um idiota, que a todas as perguntas respondia :

— Sim, senhor, muito obrigado.

Este bordão do — « sim, senhor, muito obrigado » — tinha seus laivos d'optimista, exactamente como o do — « recebemos e agradecemos ». O nosso



respeito pela critica impede-nos de declarar alto e bom som que os consideramos a ambos consequencias diversas d'uma mesma lesão cerebral. Ninguem que mais do que nós possua a fibra authoritaria, a submissão irracional aos poderes legitimamente constituídos, como o da critica.

Aquelle idiota e aquelles criticos despertam-nos todavia idéas associadas. Quando diziam ao primeiro: — « Olha lá, d'onde és tu? » —, elle vinha logo: — « Sim, senhor, muito obrigado » —; perguntavam-lhe: — « Góstas de carapaus? » —, e elle: — « Sim, senhor, muito obrigado » —; avisavam-no: — « Qualquer dia mettem-te em Rilhafolles » —, e o desgraçado repetia sempre: — « Sim, senhor, muito obrigado ». Os segundos, juizes incorruptiveis e integerrimos da litteratura que se lhes vai expôr na banca dos réos, olham para ella, abrem-lhe severamente as folhas com o sinistro facalhão d'escriptorio, e depois, — ás vezes é antes, — lavram a sua sentença n'uma fórmula que é sempre a mesma, invariavel como a constancia, immutavel como o destino. Se os seus — numerosos leitores — lhes perguntam: — « Tal livro é bom? » —, elles respondem logo: — « Recebemos e agradecemos » —; se os interpellam: — « Dizem por ahi que tal livro contem pessimas doutrinas; o que lhes parece? » —, elles acodem pressurosos: — « Recebemos e agradecemos » —; se os apouquentam: — « Nós lemos tal livro e pareceu-nos soffrivel, mas desejavamos ter a opinião dos peritos; digam de sua justiça! » —, elles



acenam desesperadamente com a cabeça e teimam já afflictos : — « Recebemos e agradecemos » — ; e se os ameaçam : — « Qualquer dia mettem-vos em Rilha-folles, criticos d'uma figa ! » — , os desgraçados repetem sempre no mesmo tom desolado e melancolico : — « Recebemos e agradecemos ».

\*

Aquillo é perfeito, como documento d'insania mental. Ainda assim, uma vez que os senhores criticos deliberaram não adoptar antes a fórmula um tanto rude de : — « Cá recebemos mas não era pressa » — , nós tomamos a ousadia de lhes aconselhar um pequenino additamento á sua phrase, para lhe concentrar o melão da nota optimista. Podiam dizer, por exemplo : — « Recebemos, agradecemos e gostámos » — ou, se receassem avançar demasiado : — « Recebemos e agradecemos de todo o coração ». Esta ultima fôrma, sobretudo, é susceptivel d'infinitas *nuances*, desde o pallido : — « Recebemos e agradecemos do coração » — , até ao enthusiastico : — « Recebemos e agradecemos com todas as veras da nossa alma » — ; ainda que a primeira teria a vantagem de dar seus ares da celebre phrase de Cesar.

E, depois, nada mais facil que ter de parte uma fórmula excepcional para as occasiões solemnes, como se tem guardada uma colcha da India para deitar á



---

janella em dias de procissão. Assim, quando apparecesse um livro, um diabo, uma cantharida capaz de produzir nos senhores criticos o priapismo do enthusiasmo, os senhores criticos exclamariam fóra de si, com as narinas frementes e os olhos dilatados d'ardor, gaguejando de sensualidade comprimida e dando guinchos libidinosos: — « Recebemos e agradecemos com todas as veras da nossa alma, da alma do respeitavel proprietario da nossa folha, dos nossos illustrados correspondentes, do rodeiro da nossa machina e dos fieis entregadores, sem esquecer as suas respectivas familias. Todos nós fomos aos ares ». E até seria conveniente acrescentar, no bréjeiro tom realista de qualquer saguí que se supponha dotado do competente orgão glottico: — « Vimos as estrelas! » —

Como seria bello, sublime, grandioso!

\*

Aquella phrase é um symptoma, e só como symptoma lhe concedemos alguma importancia, — seja dito entre parenthesis. Para quem não fôr tolo, — mas prodigiosamente tolo, — denuncia uma profunda ignorancia, de par com o calculo sufficiente para escapar a compromissos.

A critica em questão nem ao menos diz: — « Recebemos, agradecemos e lemos ». Fica-se prudente-



mente pelos dous primeiros verbos, n'uma concisão cheia d'humildade e reconhecimento. Nós não somos como esse selvagem de Décembre Alonnier, que chamou Minotauro á critica e jurou nunca lhe dar um livro, para não ser o mediato fornecedor dos *bouquinistes* de Paris; — mas aquella insistencia gratulatoria, com a sua tocante simplicidade, rasga-nos horizontes d'uma generosidade bem maior que os da offerta d'um simples livro. Amanhã sem falta vamos aconselhar o nosso editor a que rompa de vez com estes habitos inveterados, e que antes offereça aos mencionados criticos dous kilos de bacalhau norueguez ou uma caixa de sabonetes de Windsor, — cousa que encha o olho. Teremos assim a dôce consolação das almas bem formadas, quando virmos em letra redonda o nosso nome e a designação da mercadoria offertada, com uma conceituosa nota dos senhores criticos :

« Recebemos, agradecemos e comemos » —, ou :  
— « Recebemos, agradecemos e lavamo'-nos ».

\*

Segunda fórma :

« .....  
.....  
..... ».



Finalmente: nem palavra. Moita, carrasco! Dir-se-hia que topamos com uma população litteraria de mumias, julgando dirigir-nos a um povo d'homens válidos. Esta classe de criticos, naturalmente, são da escóla d'esses grandes eruditos que conquistam uma reputação inexpugnável á força de não escreverem uma linha. E vão lá combatel-os! É um systema seguro, infallivel. Ha por ahi muitos sabios, — uma praga d'elles, — que nunca se deram ao trabalho de expôr os seus descobrimentos, e que são sabios pelo facto inconcusso de se terem um dia declarado taes. A ingenuidade universal aceitou-os, e d'esse momento em diante elles passaram a sustentar a sua posição com um silencio grave, com collarinhos d'um feitio especial, com gestos estudados ao espe-lho e com rapé de Xabregas. São indiscutíveis como factos, assim como os seus imitadores são criticos empalhados ou criticos em espirito de vinho.

Ficaram silenciosos, mudos. E nós poderíamos dizer-lhes, como represalia, que essa é a unica maneira de se fazerem tolerar, se não preferissemos antes convencer-nos de que foram os exemplares offerecidos que se extraviaram no caminho, se evadiram cobardemente das mãos da critica, se volatilizaram até, como um pingo d'alcool exposto á temperatura de 100 graus.

Justamente: volatilizaram-se os exemplares. Culposo phenomeno d'um calorico abominavel!

---



## II

TELEGRAMMAS pomposos dão noticia d'um *meeting* não menos pomposo reunido em Trancoso. A gravidade epica do caso, insensivelmente, leva a nossa penna, ao escrever do assumpto, a cahir em echos que fazem rimas, como se o argumento estivesse a pedir epopêa. Camões ha bastantes annos que desapareceu na poeira do sepulchro, e é de recear que não appareça por ahi cantor á altura do feito, vate á prova de *meetings*. Os vates que ora esfervilham na politica, esses, coitados, em vez de poemas fazem mixordias de lugares communs ensebados, com adubo de calinadas picarescas. Não vêmos a geito as cousas, para se descobrir a mina ignota d'onde sahirá o metal das glorias immorredouras, que se destina á estatua do grande genio de semelhantes bagatellas.

Nem mesmo vale a pena fazer tanto barulho com um pequenino incidente que, depois d'atravessar as boccas ampliadoras dos *reporters* aldeões, cheios d'exageros meridionaes, e depois de submettido á tumefacção calculista dos *reporters* politicos, chega á quinta essencia ultra-comica de um ajuntamento de trezentas pessoas, que se pretende estarem d'accordo para pedir a abstenção do governo em materia de creação d'impostos.



\*

A reunião foi presidida, segundo o telegramma que serve de *canevas* ao bordado phantasiado dos nossos commentarios, pelo snr. visconde da Quinta do Ferro. Ora nós iamos jurar *urbi et orbi*, — a Trancoso e ao universo em peso, — que isto de *meeting* é uma historia identica á d'aquelle conde romano que contou confidencialmente á esposa, para experimentar a sua discrição, o estranho caso de que punha todos os dias um ovo, á laia de gallinaceo, e a quem algum tempo depois o Santo Padre perguntava assombrado, muito em segredo:

— Diga-me cá. Então sempre é certo que o senhor põe todos os dias trezentos ovos? É o que os meus olhos teem visto. Eu estou banzado!

— Não ha de quê, Santissimo Padre, — respondeu-lhe o conde. Eu confiei a minha mulher que punha todos os dias um ovo, um só. Foi simples estratagemma a que agora vejo o resultado. O segredo passou de bocca em bocca, e, segundo o velho principio de que quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto, chegou aos ouvidos de Vossa Santidade nas proporções realmente escandalosas de trezentos ovos. É uma perfidia.

— E tem razão, — observou o Papa. — Agora me lembro que quem me contou o caso fallou em duzentos e noventa e nove ovos. Acrescentei-lhe um, para arredondar.



\*

A cifra dos concorrentes ao *meeting* de Trancoso também foi arredondada; hein? Ora vejam se se lembram: o snr. visconde da Quinta do Ferro, em conversa, declarou que lhe não agradava o real d'agua nem o imposto de rendimento; alguém que ouviu divulgou pela terra a declaração do notavel titular, e disse,—acrescentamento d'um ponto no caso! —que um individuo presente acenára com a cabeça para exprimir a sua adhesão ás idéas do illustre preopinante; d'ahi, o numero dos adeptos da abolição d'impostos subiu n'uma progressão rapida, até quarenta pessoas, talvez; e foi então que um opposicionista façanhudo, amante de commoções telegraphicas, resolveu acrescentar ao conto duzentos e sessenta pontos d'uma vez, para arrazar o governo.

Isso não é bonito: é sempre feio ser alambazado, muito mais quando com tal procedimento se atropellam as praxes veneraveis. O ditado é bem claro: «quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto». Um só, —reparem. Não é lá acrescentar-lhe d'uma vez duzentos e sessenta.

O que lucraram com isso? dizer o jornalismo da opposição que o paiz se agita, quando todo o mundo sabe que o snr. visconde da Quinta do Ferro não é o paiz, nem mesmo Trancoso. Não, Trancoso não



é o paiz; e por mais que a prosa dos artigos de fundo se engalfinhe em pandegas rasgadas d'ameaças temerosas, nós havemos sempre de bradar ao universo, com o fervor das convicções inabalaveis e com a voz esganiçada, para o universo nos ouvir melhor, — que não, que Trancoso não é o paiz, não, não e não!

### III

GERALMENTE, só á critica em letra redonda se dá a importancia da discussão. Habitos inveterados parece quererem provar pelo exemplo que a opinião litteraria de qualquer não tem valor algum, emquanto não tiver passado pelo componedor do typographo. Incliamo'-nos a crêr que o antimonio da liga d'imprensa é impotente para a dogmatisação das idéas, e que o ostracismo infligido á critica fallada, á critica manuscripta, é simplesmente um preconceito rançoso. Estes dous generos d'apreciação podem até chegar a extremos de franqueza muito louvaveis, ainda que ás vezes puniveis por certos artigos do Codigo Penal. Esses extremos teem seu merito: o de dar precisamente a nota afinada da impressão do leitor, com toda a vehemencia psychologica das suas paixões, — entusiasmo ou odio pelo



livro. Nada mais bello que o resultado: Fulano leu e gostou, — dá-nos um abraço; Fulano leu e não gostou, — dá-nos uma facada.

Não estamos bem certos se todos os escriptores pensam como nós, quanto a esta ancia de franqueza d'apreciações; mas podemos affirmar-lhes que, além da vantagem manifesta dos abraços e apesar do pequeno inconveniente das facadas, ha na sem-ceremonia da critica pessoal attractivos d'uma incomparavel doçura mexeriqueira, lançando-se de preferencia aos meúdos do livro apreciado, ás cousas minimas que a critica official se vê quasi sempre forçada a pôr de parte com uma amplidão magistral, para sustentar a magestade da sua missão.

Por todas estas considerações, apraz-nos fazer aqui hoje uma annotação ao primeiro numero das *Vespas*, como resposta a um anonymo que nos censurou por termos, d'envolta com os nomes phantasticos de Venceslau Polycarpo, José dos Anzoes e João Fernandes, mettido o nome real de Antonio José Alves, especie de jornalista portuense. Tinhamos nós escripto:

\*

«O jornalista desejaría assignar, mas não o deixam. Elle tem feito tentativas isoladas, por isso mesmo infructiferas, porque é justo confessar que os in-

\*



trusos da profissão, a coberto da ignorancia do povo quanto aos seus nomes maltrapidos, ainda não conseguiram estabelecer-se no jornalismo como confraria independente de sarrafaças obscenas. Nem todos se chamam Venceslau Polycarpo ou João Fernandes, Antonio José Alves ou José dos Anzoes, qualquer nome emfim inedito como os livros que ninguem publica, banal como uma couve murcha arremessada ao monturo, indifferente como o mandarim de Balzac, batido como a palmilha d'um chinelo velho ».

\*

A explicação é simples. O facto da inserção d'aquelle nome com objectivo conhecido, por entre outros que apenas pertencem ao dominio da phantasia, não tem predicados sufficientes para sublevar indignações, por dous motivos que se nos afiguram peremptorios e que vamos expôr muito serenamente.

Em primeiro lugar, ao abrir o trecho incriminado, sentimos a necessidade imperiosa de citar nomes capazes de formar a antithese dos nomes dignos que depois citaríamos. Era a monographia superficial do jornalismo portuguez que estavamos fazendo, e as condições de concisão d'essa monographia impunham-nos o dever de adduzir nomes typicos na face reles da imprensa, como em seguida apontariamos nomes typicos na sua face sympathica.



Produziu-se então no nosso espirito uma rapida elaboração, de que sahi vivaz o convencimento da falta absoluta de typos reaes no reles. Isto do Mal é um principio crivado de soluções de continuidade: quando menos se espera, encontra-se-lhe á periphèria um ponto são, com todas as attracções do Bem. Se nós, certos e mais que certos da existencia d'uma classe de jornalismo repugnante, e embebidos na tarefa mnemonica de recordar os nomes dos seus jornalistas, fixavamos o sentido no plunitivo *A*, divorciado da orthographia e da syntaxe, apparecia-nos logo a importuna idéa de que esse ao menos tinha bom senso e dignidade; se o fixavamos no escriptor *B*, uma alma negra como o tinteiro d'um procurador sôrna, occorria-nos ao mesmo tempo que esse tinha um estylo scintillante e uma grammatica inflexivel. A ignorancia, a estupidez, a maldade, a perfidia intriguista e sordida, a carencia de senso commum e de brios, — recusavam-se obstinadamente a alojar-se de fraternal camaradagem n'um homem só. Baldado indagar.

\*

Foi essa teimosia que nos levou a adoptar o expediente de sobrecarregar tres typos convencionaes com todos os precalços desagradaveis apanhados aqui e acolá. Venceslau Polycarpo, a nacionalisação portu-



gueza de Mr. de La Palisse, dava-nos o typo do sujeito que solta insignificancias muito comicas como quem formúla principios muito profundos. José dos Anzoes dava-nos o typo boçal e francamente tolo. João Fernandes era para nós a personificação do authoritarismo irracional inchado de vaidades ridiculas e d'ignorancias desoladoras, como todos os *parvenus* de todos os mundos, pois que ha *parvenus* do dinheiro, da nobreza, da politica, do jornalismo, das artes, das sciencias. Foram estes tres desgraçados uma especie de bodes expiatorios da documentação que nos propunhamos. A nossa crueldade manifestou-se d'um modo feroz, hediondo.

Entretanto, e sem a circumstancia aggravante da premeditação, — ouçam os senhores delegados do procurador regio, — mettia-se um nome real no meio dos outros tres nomes convencionaes. Repetimos que foi sem premeditação, e, mais ainda, sem a consciencia do facto. Ha d'estes momentos em que a *besta* opéra sob o impulso sympathico do *eu*, como que transmittido através do vazio, independente dos conductores nervosos. A philosophia do *Inconsciente*, — hão-de conhecer muito bem, — a philosophia do *Inconsciente* explica estes casos d'abstracção com uma lucidez pasmosa. Nós podiamos n'esse campo apoiar a explicação do caso sujeito com largas theorias metaphysicas, mas renunciámos modestamente a assombrar a Europa scientifica. Baste-nos dizer que conseguiu mais uma divagação da nossa penna, rabiscando abstracta, por fóra do itinerario marcado, as



sinuosidades calligraphicas d'um nome, do que todo o esforço policial do nosso espirito buscando um typo completo na galeria da nossa memoria.

\*

Démos pela cousa ao lêr as provas do corpo de delicto. Podemos jurar com as mãos na consciencia que nem suspeitas tinhamos do intruso. No meio da pagina lemos de repente umas palavras imprevistas: Antonio José Alves. Que diabo vinha alli cheirar aquillo? Por onde entrára? Por que fenda do estylo? Antonio José Alves! E, crendo n'uma estranha aberração das funcções visuaes, que nos fizessem vêr n'um livro aceado tres obscenidades juntas, esfregámos os olhos. Aquelle nome continuava apesar d'isso na prova. Intrigados, pegamos-lhe com um trapo e demos-lhe posições diversas, a vêr. Lemol-o em voz alta, em voz baixa, de pé, sentados, através da luz, com a prova ás avessas, de papel afastado, de papel chegado ao nariz, — não muito, á cautela! — e sempre o diacho do nome nos apparecia vivo, — com um accento agudo em cima do *e*. Antonio José Alves!

Occorreu-nos então uma idéa, e muito espantados ficámos de a não ter já tido: — estavamos a sonhar! Demos então beliscões n'um braço, — de que ainda hoje conservamos signaes. Inutil. Mas o que não



padecia duvida é que estavamos dormindo muito descansados na nossa cama. Essa convicção perdeu-nos, porque pensámos n'um relance :

— Não ha nada que provoque sonhos maus, como dormir sobre o coração. Viremo'-nos para o lado direito!

E virámo'-nos, — quer dizer, — fizemos na cadeira um movimento que nos baldeou ao chão. Um desastre. Lucrámos com aquella grande idéa um grande gallo. Fica-nos para ensino.

O inexplicavel intruso lá estava sempre na prova, — com um accento agudo em cima do *e*. Deixá-mol-o ficar, achando que o acaso tinha procedido por uma fórma muito louvavel. Aquelle nome era uma synthese insubstituivel.

\*

Assim se explica o que o nosso anonymo julgou uma perfidia, fazendo-nos sentir em phrases da mais extremada cordura que — « as allusões pessoaes des-authorisam a critica » —, e dando-nos a entender que se — « póde ser virtuoso sem deixar de ser humoristico ». Perdão, o senhor é que não é capaz de ser mais virtuoso do que nós. Podemos apresentar de um momento para o outro alvará de folha corrida, attestados de bom comportamento, certidões de ...



Oh, com a breca! Quem quer vêr que o anonymo é o proprio interessado?

Nem mais uma palavra.

---

#### IV

MAIS um jornal desponta no alfôbre do periodismo indigena. Chama-se *A Murselheza* e vem apoplectico de todas as iras concentradas do proletario subjugado pelo burguez, do trabalho explorado pelo capital. Rubro, afogueado, medonho. Realmente, vejo-o tão zangado que me não atrevo a receitar-lhe bifés. Podia lembrar-se de comer os meus, — os meus bifés pessoaes, — ainda que são pouco d'apetecer. E seria uma desgraça para a patria.

Diz cousas muito graves á monarchia: — que anda a semear invejas, que o sceptro é o compasso, — entre-parenthesis, cada sete serão quatorze, — que o povo ha-de beber sangue, — o demonio! Está resolvido a correr as instituições a pontapés, — tendo n'essa temeridade a vantagem de não poder ser corrido a pontapés por ellas. Cita o snr. Theophilo Braga. Faz um gesto prophetico e clama em latim: — «*fiat lux!*» Diz que até o proprio Deus já treme no sacrario, — não, que elle é brincadeira! Confia á gente que Paulo de Cassagnac é um palhaço sem



dignidade. Avisa de que uma serie de vinte numeros custa dous tostões. E por ultimo, esfalfado, solta uma phrase que não comprehendemos lá muito bem, mas que deve ser uma formidavel imprecação demagogica: — «Carimbos de borracha!»

Ficámos n'uma tremura. A *Marselheza* propõe-se a nada menos que escangalhar a sociedade, a familia, a realleza, tudo. Lá se vão os nossos bellos capitaes, as nossas bellas propriedades, os nossos bellos archei..., — perdão, — os bellos archeiros da casa real, os nossos bellos charutos havanos. É um cataclysmo. Não escapa ninguem.

Mas anda a boiar n'este barril de petroleo um trecho que nos deu que scismar. É o seguinte:

\*

«E em quanto tudo isto se pensava, em quanto os pequenos — o povo — travava sangrentas pelejas, ferindo-se mortalmente e deixando suas familias na miseria, os chefes dos partidos, por quem elle combatia e que cavilosamente lhes souberam insufflar o odio politico, em magna palestra soltavam, a proposito — uns e outros — estrepitosas gargalhadas d'envolta com as espiraes de fumo de custosos charutos; e mais além, o rei, recostado commodamente em esplendida ottomana, meditava n'uma caçada propinqua, ao mesmo tempo que folheava um livro



que andava a traduzir... para dar novo couce na grammatica portugueza (vid. o *Hamlet*); e se, por mero descuido, fitava os jornaes que relatavam as graves desordens havidas em diversos circulos, encolhia os hombros e com um sorriso d'indifferença a assomar-lhe ao labios, dizia :

« — Facadas... mortes... gritos... prantos... miserias... Ora! vozes do povo não chegam aos meus palacios !

«E deitando, d'uma garrafa que tinha proxima, *cognac* n'um calix, exclamava :

« — Á minha saude ! — e bebia ».

\*

Não, isto agora é serio. A *Marselheza* não póde mentir; e se as cousas realmente se passaram como alli estão descriptas, se el-rei assim desconsiderou a genebra e a aguardente de figos, não hesitamos em retirar a sua magestade a nossa consideração. Ficam d'hoje em diante cortadas as nossas relações, e es-cusa sua magestade de tentar demover-nos com as suas lamurias. A nossa determinação é inabalavel, a menos que sua magestade se justifique da accusação ou se rehabilite aos nossos olhos por uma conducta cheia de penitencia e d'arrependimento. Em-



quanto assim não fizer, havemos de dizer para comnosco :

—Sua magestade é d'aquelles que deitam *cognac* n'um calix, — e bebem!

## V

Ⓐ Brazil continúa fraternalmente a ser o editor gratuito dos nossos livros, de certo com um fim de peregrina generosidade. A litteratura portugueza, comtudo, queixa-se e diz phrases ao Brazil. O Brazil, mercador, faz ouvidos respectivos e prosegue na sua tarefa editorial.

Urge acabar com este estado de cousas, tentando fazer entrar no espirito da Candelaria uma cousa que vai dar seus ares de subtileza rhetorica aos cerebros onde estua ainda um pingo do sangue selvagem dos naturaes da terra, — e é que um dos mais importantes mandamentos christãos consiste em não roubar. Pela nossa parte, vamos catechisar a Candelaria, — cá de longe. O artigo que segue foi escripto e publicado não ha muito, e o seu assumpto é sempre recente. Crêmos que os fados o não levaram á praia de Botafogo; mas d'esta vez, quando não sejam os fados, d'uma fidelidade bastante contingente, serão os paquetes da *Royal Mail* que o levem. Sempre é mais



---

seguro. Confiamos muito n'este artigo para petiscar a faula da honradez no silex craneano dos legisladores da Tijuca, e para os fazer punir os larapios com uma isenção pelo menos identica áquella com que punem os salteadores das suas bananas:

\*

« Tem-se ultimamente discutido muito a questão da propriedade litteraria, sob o ponto de vista internacional, e especialmente das nossas relações com o Brazil.

É publico, é notorio, é escandaloso até, que o mercantilismo dos nossos irmãos d'além-mar, como em linguagem officiosa se chama aos subditos do snr. D. Pedro II, explora com uma sem-ceremonia inaudita o talento de meia duzia d'authores portuguezes, reeditando-lhes *ex-officio* no Brazil os seus livros já precedentemente editados em Portugal.

Augmentam-lhes assim a fama, diminuindo-lhes ao mesmo tempo o proveito.

Aqui, é raro o editor com coragem sufficiente para pôr em circulação um livro, porque tem de pagar os respectivos direitos d'author para uma vendagem relativamente pequena, só na Europa, — emquanto que os livreiros americanos, fazendo uma reimpressão do mesmo livro sem o encargo dos direi-



---

tos d'author, podem espalhar exemplares mais baratos n'um mercado muito mais vasto, como é o do Brazil.

Tudo isto porquê?

\*

Dizem que por não termos tratado litterario com a nossa antiga colonia.

E depois que n'uma phrase bem simples se estranhe o proceder dos nossos governos, que fizeram com a França um tratado em que só a França lucra, emquanto que nunca fizeram nem tentaram fazer identico tratado com o Brazil, em que o proveito do paiz seria pelo menos igual ao do estrangeiro, — será bom que encaremos a questão conforme os factos a apresentam, isto é, sem convenção internacional.

É á falta d'essa convenção que os escriptores portuguezes devem o ser crédores d'uma quadrilha de livreiros americanos por uma somma bem redondinha, — pouco mais ou menos como eu sou crédor do gatuno que aqui ha mezes me furtou um lenço.

O paralelo dá lugar a confusões bem naturaes, explicando-as e desculpando-as, se porventura ellas magoarem alguém.

No momento da contrafacção do lenço, não havia nem sombra d'um tratado ao pé, que me pudesse engaiolar o livreiro na esquadra; no momento do furto



---

do livro, não havia nem o bigode d'um policia ao pé, que fizesse entrar o gatuno na comprehensão do direito das gentes.

Por isso os lenços me vão faltando na estante; por isso os livros me vão desapparecendo da gaveta da commoda.

\*

Mas, por acaso consciencias medianamente rectas poderão aproveitar as fendas da lei para se safarem ao castigo, ficando muito tranquilladas após o attentado que acabam de praticar?

Não bastava que a propriedade litteraria já fosse considerada quasi sacrilega, não bastava que a lei a tivesse já entalado n'um prazo que nunca impoz ás outras propriedades, bem que nenhuma esteja tão definida como aquella, — não bastava que um disparate da jurisprudencia conservadora a tivesse já sujeitado a clausulas semi-communistas.

Faltava ainda que os subditos de qualquer magestade estrangeira, ou aquelles que traiçoeiramente vão esconder-se entre as pernas do seu throno, — porque o throno é apenas uma cadeira de braços, — nos mettessem lá de longe a mão no bolso para nos furtarem o lenço, — perdão, — nos reeditassem os nossos livros dispensando-se de nos pagarem os direitos d'author.



\*

.....?

Porque a policia não vê.

É preciso então regulamentar os principios mais rudimentares da honestidade commercial, regulamental-os em duas folhas de papel sellado, da marca da lei, onde dous sujeitos mais ou menos diplomaticos, mais ou menos encasacados, possam ter a expansão vaidosa de declinar os seus titulos e d'enumerar as suas commendas, combinando de caminho a maneira de dar caça aos larapios, em nome das — altas partes contractantes.

Bem sabem que não sou parte suspeita; defendo a propriedade litteraria dos outros, mas não defendo a propriedade litteraria que particularmente me pertence, como a d'este folheto, por exemplo, — e pelo bem simples motivo de que a rua do Ouvidor certamente não pensa em me reeditar o meu estylo.

E senão que o faça.

— Sim: que os senhores editores brasileiros cáiam na asneira de me reeditar; que entrem por escalada no dominio da minha propriedade.

Racho-os; racho-os na primeira occasião que os pilhe a jeito.

Lá isso racho.



---

\*

Vejam se não teria razão para isso, uma vez que os poderes publicos me não protegem, uma vez que a policia nem sequer se dá ao incommodo de levantar auto de corpo de delicto indirecto ou directo do furto.

Eu tenho alli adiante, proximo da cidade, uma quinta magnifica...

Notem que é simplesmente uma hypothese; se eu tivesse de facto uma quinta magnifica, não seriam os editores brasileiros que teriam occasião de me defraudar.

Mas, como ia dizendo, tenho alli adiante, proximo da cidade, uma quinta magnifica em que eu proprio não desdenho trabalhar, cavando, mondando, plantando, — porque o meu fraco é a bucolica.

Ha lá sobretudo um pedaço de terra em que se criam batatas como craneos de gigantes; dou-me com elle a um trabalho minucioso, ciumento, — porque o meu forte são as batatas.

E uma bella noite, que eu percorro as avenidas da minha quinta ao luar, em mangas de camisa, cogitando nas profundezas da consciencia humana, — como Hamlet se andasse em mangas de camisa, — vejo um gatuno saltar o muro e ir logo direito ao



terreno das batatas, attrahido pela fama que ellas gozam n'umas poucas de leguas em redondo.

Os agentes da segurança publica estão longe, e perto de mim vejo o cabo d'uma enxada, muito mais valioso n'estes casos do que um cabo de policia: corro com elle sobre o gatuno, o gatuno safa-se a tempo, e ainda bem, para que não tivessem de soffrer os preceitos de mansidão evangelica.

Mas garanti a integridade das minhas batatas, mostrei de quanto vigor eram susceptiveis os meus direitos de proprietario.

\*

Em compensação, o snr. Camillo compra uma porção de terreno para lavar, uma resma de papel para escrever.

Sob a inspiração do seu talento, o escriptor dá a esse reles papel, que até póde ser de costaneiras, um valor enorme, disparatado em relação ao seu valor intrinseco; lava-o, semeia-o, aduba-o, sacha-o, rega-o, até que elle produza batatas bem feculentas, idéas bem soberbas, phrases magistraes, rastilhos de fulgurante luz intellectual.

E depois de conseguido esse magnifico resultado, — quando um intermediario do snr. Camillo, o seu editor, exporta para o Brazil essas batatas phenomenaes, — na praia de Botafogo, ao desembarcar, um



gatuno deita-lhes a unha muito tranquillamente, vende-as, explora-as por sua conta.

Elle fez isso á vista de todos, com a serenidade de quem usa um direito incontestado e incontestavel; todos presenciam o latrocinio, mas ninguem póde protestar contra elle.

Se o snr. Camillo apita, os guardas urbanos ainda por cima o enfiam no posto, por dar rebate falso; se dá com um marmeleiro no gatuno, fazem-no correr as justiças do Imperio, e moem-no com punições sem conto; se chama ladrão ao larapio, tem de responder a uma policia correccional, por calumnia.

\*

Mas isto é um disparate monstruoso, é um desconchavo da lei, — dirão.

Sim, é, porém o disparate começa pelo principio da propriedade litteraria, como elle se acha definido em todos os codigos; porque os legisladores foram unanimes em lhe chamar propriedade, e não menos unanimes em lhe marcar um prazo absurdamente communista.

\*



## VI

UMA questão muito grave tem ultimamente occupado os espiritos no pequeno mundo do jornalismo lisboeta, aonde ella se levantou. Nada mais serio e até mais tragico. Entre o snr. Urbano de Castro e o snr. Reis Damaso produziu-se uma pendencia que chegou a tomar proporções pessoaes, e que devia necessariamente terminar por vias de facto. Algum tempo depois, uma declaração articulada do snr. Damaso communicava á galeria, por intermedio do *Partido do Povo*, que o dito senhor correria sobre o seu adversario n'uma rua de Lisboa, e que o snr. Urbano de Castro fugira.

A galeria ficou imaginando como a scena se dera: o snr. Damaso correndo furioso atraz do snr. Urbano de Castro, o snr. Urbano de Castro correndo esbafofido adiante do snr. Reis Damaso, os caixeiros das lojas de modas correndo ás portas para presencearem o caso, os policias correndo atraz d'ambos os contendores para evitarem a effusão de sangue, os transeuntes a correrem para vêr as corridas dos outros, tudo a correr para o prazer d'um espectaculo curioso, — e barato. O snr. Damaso iria fulo, de *badine* em riste, o chapéo a cahir-lhe para as costas, as abas da sobrecasaca a adejarem sinistramente no espaço, como as azas negras d'algum gigantesco morcego. O snr. Urbano de Castro evadir-se-hia veloz-



mente ao terrível conflicto, badalejando com os braços no vazio d'uma fórma grotesca, os olhos a saltarem-lhe das orbitas, galgando a calçada com a apparencia phantastica d'um enorme compasso, — um compasso de bigode e chapéo alto, — abrindo-se e fechando-se n'um vai-vem convulsivo das pernas.

E a representação intuitiva da scena impossibilitou-nos d'acreditar nos articulados do *Partido do Povo*. Não foi bem a nossa vontade propria que recusou crêr na palavra do snr. Reis Damaso: foi o simples bom senso que se divertiu a däl-a por suspeita, só de mostrar na imaginação o ridiculo do caso.

\*

Não temos a honra de conhecer pessoalmente o snr. Urbano de Castro, que só nos deve o conceito de jornalista muito notavel; e quanto ao snr. Reis Damaso, para não dizermos que nos deve conceitos que lhe fazemos de graça, apenas o conhecemos como um pessimo romancista que julgou bastante para o apoio da sua insignificancia a muleta d'um nome glorioso. A sociedade minuscula dos seus amigos pessoaes e dos seus parentes, a partir da publicação do ANJO DA CARIDADE, ficou tendo-o na conta litteraria de — Reis — por graça de — Deus — (João de). Mas emfim, mesmo sem fazer ao snr. Damaso a



injuria de o suppôr mentiroso, não quizemos acreditar que o snr. Urbano de Castro fugisse d'elle.

Seria uma cobardia incompativel com a idéa que fazemos do talentoso humorista, e seria principalmente uma cousa muito ridicula. Fugir d'um homem que tem duas mãos e uma bengala, quando se tem uma bengala e duas mãos! Fugir á vista de todos, dos amigos, dos conhecidos, dos indifferentes, em plena rua! Soberanamente baixo e soberanamente comico!

Em tal ordem d'idéas, a declaração do snr. Reis Damaso appareceu-nos como a narrativa d'uma visão hysterica, á maneira das visões de Santa Thereza, — até que o snr. Urbano de Castro apresentou a declaração documentada de que, longe de ter fugido ás iras do seu adversario, lhe dera uma sonora bofetada diante de testemunhas que apontava. As testemunhas eram insuspeitas; e, por outro lado, o snr. Damaso em nenhuma apoiava a sua affirmativa, quando pelo facto allegado da perseguição em plena rua devia poder indicar muitas, uma nuvem d'ellas, os caixeiros que vieram ás portas, os policias que acudiram para restabelecer a ordem, os transeuntes que pararam anciosos a vêr, os cães vadios que desataram n'uma corrida vertiginosa atraz de perseguidor e de perseguido, — como costumam em taes conjuncturas, — as criadas de servir que assomaram ás janellas, etc.

O snr. Damaso, porém, com a natural imprevidencia dos espiritos visionarios que julgam ter com-



mettido actos de bravura quando teem levado bofetadas sonoras, esquecera-se de mencionar os caixeiros, os policias, os transeuntes, os cães e as sopeiras que tinham presenceado a cousa. Consequente comsigo mesmo, em vez de demonstrar asserções formulava dogmas, sem pensar que a impiedade e a heresia teem lançado nos espiritos bem funda a raiz malefica da descrença.

Imaginamos qual seria o assombro do snr. Damaso, ao vêr narrada e comprovada a sua fraqueza. Devia ser horrivel. Levar uma bofetada diante de todo o mundo, sem o saber, e ainda por cima ter provocado a notoriedade impressa do facto com um trecho de litteratura ascetica, publicado na melhor boa fé possivel! Entalado n'esta situação realmente melindrosa, o snr. Damaso limitou-se a teimar no seu tom dogmatico, sem adduzir provas, que o snr. Urbano de Castro fugira d'elle.

\*

Isto desconsola. Registre-se o facto e lamente-se a profunda decadencia que elle testemunha. Afinal, nenhum character digno deixará de pensar á vista de semelhante epilogo: — admittindo mesmo a hypothese de que o snr. Reis Damaso não levou a bofetada, está provado que é muito capaz de a levar, e de se



calar. Não ; de se calar, não. É muito capaz de a levar, — e de dizer em seguida que a deu.

## VII

É á Patria, — se porventura a Patria me permite a ousadia, — que eu tomo a liberdade de endereçar as linhas que vão seguir-se, escriptas no tom profundamente respeitoso de quem se dirige a uma dama *noble et sage*, cheio de fidalgas subtilezas cortesanas, a impar de complacencias sorridentes pelas caturrices provaveis...

É á Patria, sim, á Patria que costume amar todos os dias do anno, especialmente no 1.º de dezembro, em que arvoreo no coração a bandeira triumphal das grandes alegrias patrioticas, e accendo nos olhos as luminarias tradicionaes de 1640...

Que entusiasmo eu sinto dentro em mim, ao encher a bocca com o seu nome augusto! que ardor bellico! que vigor cyclopico!

A esta hora, pois, acabo de receber de meu irmão, — saiba-o a Patria, — uma carta da qual destaco o trecho seguinte :

« Certamente, não sabes o andamento que tem tomado o sorteamento dos mancebos, em cujo nu-



---

mero tu entras; nós, porém, temo-nos informado a tal respeito, e eis o que sabemos: já apuraram até ao n.º 13, o 14 não apparece, e o n.º 15 és tu».

Leiam e releiam aquillo, que vale a pena, senhores meus compatriotas. Alli ha uma cousa bastante apreciavel nos tempos que vão correndo, — grammatica, — e ao mesmo tempo um vago sentido cabalístico que importa decifrar.

Leiam e releiam aquillo: « — sorteamento dos mancebos, . . . apuraram, . . . e o n.º 15 és tu ».

Sinto a necessidade impreterivel de occupar com a minha personalidade as horas vagas da Patria. Que a Patria me perdôe, se a offendo: aquella carta teve a virtude suprema de me abrir uma janella inesperada para o passado, e um postigo sibyllino para o futuro. D'um lado, borbotões esplendidos de sol; do outro, escuridões caliginosas em que relampejam fulgores instantaneos.

N'uma visão sobrehumana de kalleidoscopo, o scintillante matiz do que já lá vai; n'uma visão magestosa de tabernaculo, as cavalheirescas dedicações pela terra do berço, a lucta á mão armada, os clarins dos regimentos e o troar da artilheria, as bandeiras sacrosantas dos esquadrões lançados a todo o galope sobre as hostes inimigas, as fortalezas defendidas até á ultima gotta de sangue, os reductos disputados até ao ultimo bago de polvora, os capacetes, as espadas, as metralhadoras, os Krupps.



\*

D'um lado, uma bonita aldêa nas abas da montanha, branca de cal no pino do verão e alva de neve no pino do inverno, semelhando de longe, no meio da tonalidade esverdeada dos campos, uma aldeola de cartão n'uma campina de torçal desfiado. A ponte, musgosa e desconjuntada, semelha a distancia uma bugiganga suissa. Dominando a paizagem, uma collina abrupta com uma capella muito simples empoleirada a todo o cimo. Eu ia, quando era pequeno, alli rezar com minha mãe, por fóra da gradaria da porta, fitando o grande Christo crucificado no altar, que sempre gotejava sangue e sempre tinha no olhar a mesma doçura resignada. Às vezes, na illusão contemplativa do meu espirito, os seus membros pallidos e roxeados tinham contorsões musculares, e os seus labios lividos tinham *rictus* d'amar-gura physica. A voz produzia no acanhado ambito do templo umas sonoridades muito extensas, muito brandas, muito melancolicas. Um *ex-voto* suspenso da parede vibrava no religioso socego d'aquella estancia uma nota acremente dolorosa de morte: era um pequeno caixão forrado de preto, um ataúde de criança com delgados galões de prata. Ficava-me durante horas uma vaga impressão de mysticismo antigo, cortado de formidaveis visões sobrehumanas.



---

Sentia-me infinitamente pequeno em face d'aquella infinita grandeza; e a depressão moral que me assoberbava, por um phenomeno peculiar aos temperamentos nervosos, transformava-se momentaneamente em depressão physica, n'um esmagamento material.

\*

Ao fundo da collina, o cemiterio plantado de cyprestes e de roseiras, em que alvejam campas de marmore e negrejam moimentos d'um granito ferruginoso, o granito da serra. Depois, a perder de vista, immensos campos lavrados, arvoredos pittorescos, casinhas que parecem ninhos de pombas, prados a que a irradiação faiscante do sol dá o brilho humido e a apparencia phantastica de monstruosas esmeraldas, ribeiros que scintillam como fusões de prata com asperezas nevadas da agua espumando nos pedregulhos, laranjeiras em que fulguram espherulas de ouro, cerejeiras em que reluzem globulos de rubis, vinhedos, ruinas comidas de ferrugem, montanhas que ao longe dão ares d'encastellamentos de nuvens.

No povoado, as casas são baixas, as ruas são estreitas. Sente-se palpitar a vida estreita de provincia, com os seus impudores patriarchaes. Os porcos passeiam tranquilllos, pesadamente, grunhindo de vez em quando entre si umas apprehensões monotonas



de matança proxima. As crianças, em grupos de quatro ou cinco, rebolam-se pela calçada ou atiram pedradas aos cães. Nos recantos muito assoalhados, as velhas do sitio fiam estrigas de linho. Os pardaes fazem uma chiada infernal a debicar as migalhas que jazem por entre as pedras, esfarelladas das mãos das crianças. Pelas sargetas fóra correm levadas grossas d'agua de rega, com um *glu-glu* muito sonoro, muito fresco. As andorinhas saltitam com uma garridice extraordinaria á beira das levadas, em busca de particulas de lodo para os seus ninhos. Ouve-se o tilintar do martello do ferrador na sua bigorna, e o bater da roupa que as lavadeiras ensaboam á beira do tanque.

N'aquella praça, defronte da igreja, um pé de vento fez-me um dia a gracinha d'atirar commigo até ao fundo da ingreme escadaria em que termina, n'um medonho trambolhão caricato. Fiquei desde então olhando as ventanias de soslaio.

E comtudo, uma vez que é á Patria que me dirijo, ella não desgostará talvez que eu lhe declare muito francamente que amo estas recordações minusculas, como grandes successos historicos que marcam épocas heroicas. A mim afigura-se-me que a quéda do absolutismo em Portugal não póde hobrear, — como fatalidade historica, — com aquella quéda que eu dei em pequeno. Talvez os historiographos andassem avisadamente tomando as suas notas n'esse sentido.



\*

N'aquella casa que fórma um triangulo ladeado por tres ruas, e justamente no mesmo quarto em que morreu um general inglez, — lord não sei quê, — foi que eu fiz os meus ensaios litterarios. Durante umas poucas de noites, espreitando a occasião em que meu pai dormia, sentava-me á mesa defronte d'um caderno de papel pautado, com uma concentração d'augur espionando as entranhas das aves, e boleava periodos. Era muito serio. Tratava-se de fazer uma correspondencia para o *Campeão das Provincias*, descrevendo a festa do Senhor do Calvario, solemnidade cheia de luminarias, de fogo preso e d'andores. Ao cabo da minha gestação nocturna, depois de consultar dictionarios e de me inspirar nas obras primas dos mestres, — Ponson sobre todos, — trasladei para o bello papel imperial a cousa e mandei-a para a redacção, assignada. Entre outros arrojios d'estylo, fallava no — maravilhoso espectaculo da illuminação —, elogiava a philarmonica pelo — bello desempenho das melhores peças do seu repertorio —, mas, cheio do são criterio musical, e para fazer sentir ás populações a importancia do meu voto em materia d'arte, achava conveniente que — o bombo não perturbasse as poeticas melodias de Verdi.

Esta restricção foi o demonio. O homem do za-



bumba fez-me esperas, quiz exercer terriveis vindictas sobre o detractor do seu instrumento, e o meu orgulho d'escriptor publico viu-se a braços com o receio d'apanhar uma cacheirada a qualquer esquina.

Afinal, passou a tormenta, deixando fixado em mim o destino litterario, como gargalheira a que não ha fugir. Comecei a ser olhado pelos meus conterraneos d'um modo excepcional que me infundia a rigidez da importancia convicta, e lancei-me afogueado em estudos e ensaios preparatorios do — sacerdocio da imprensa. Bem bom sacerdocio! Antes o formidavel instrumentista me tivesse partido quatro costellas!

Mas emfim, hoje, na distancia do tempo e do espaço, aquellas recordações juvenis atropellam-se-me no cerebro como outras tantas saudades.

\*

Vejo avultar a minha aldêa, na camara escura da memoria, como a realisação feliz da mais pittoresca concepção artistica. Ao longo da ribeira, elevam as fabricas a sua massa compacta de granito, em que as pesadas rodas hydraulicas, girando pachorrentamente, põem enormes manchas negras d'um lódo viscoso.

Defronte da ultima d'essas fabricas, n'uma torrida manhã de julho em que o sol abafava todos os ru-



mores da natureza, com um despotismo terrorista de fornalha, foi que meu pai me esperou durante duas horas, em risco d'uma insolação mortal, quando eu chegava de Coimbra para passar na terra as férias grandes. Eu era então muito pequeno, mas aprumava-me todo soberbo no alto do cavallorio gigantesco, com uns ares de fedelho importante, saboreando de mim para mim o effeito que produziria sobre a patria aquella entrada triumphal d'um sabio de menor idade que levava as certidões de cinco exames feitos n'um anno, e todas ellas honrosas. Ia coberto de gloria e de pó.

Os camponezes que encontrava pela estrada adiante, e que se ficavam um instante a vêr-me seguir caminho, com a sua curiosidade aldeã, figuravam-se-me admiradores conscientes da minha grave personalidade, já espalhada aos quatro cantos do globo pela tuba sonora da fama. E endireitava-me com maior rigidez na sella, ufano d'aquellas demonstrações admirativas.

Depois, de repente, sahiu-me meu pai n'uma volta da estrada, e fiz um movimento irreprimivel para saltar do cavallo abaixo, sem pensar que partiria a cabeça. Lembro-me que meu pai, um homem severo e sem expansões, enfrornado no velho systema rigido d'educação dos filhos, me tomou ao collo muito commovido, a bailarem-lhe lagrimas nos olhos, mordendo o bigode grisalho, e que me levou assim um pedaço, calado. Fiquei desde esse dia sabendo o que eram as suas severidades e a inexpressão da sua face



constantemente placida, sempre recolhida na mesma contracção austera: questão de dissimular affectos. Tinha-se derretido o gelo com o findar d'uma ausencia longa e com um bocadinho d'orgulho satisfeito.

Ha muitos annos que tudo isto passou, e que os meus olhos não reflectem a serenidade meiga d'aquellas paizagens aldeãs; e quando a pallida nostalgia me accommette o coração, vibrando n'elle a corda intima da saudade, vem ao mesmo tempo a figura heroica da Patria recordar-me que lhe devo o meu sangue. De certo, de certo! Longe de mim a idéa de desconsolar a Patria, de desfazer as suas queridas illusões, com a declaração categorica de que em mim o sangue pouco mais é do que uma convenção physiologica ou uma figura de rhetorica. Uma vez que a Patria deposita no meu sangue a sua independencia, a sua segurança, a sua ordem publica, eu sou o primeiro a confessar que sim, que tenho sangue. Pois porque não havia de ter? Se é uma cousa tão facil, tão simples... Vejo que a Patria quer o esforço do meu braço, a minha protecção. Ha-de tel-a, socegue. Espere por mim, que eu já lá vou ter. É só o tempo d'envergar uma farda e de pôr a arma ás costas. E então, ai dos hespanhoes!

A experiencia é uma grande mestra. Começo a



compreender cousas que até aqui se me deparavam absurdas. Hoje, por exemplo, a orgulhosa phrase de Luiz XIV, — «O Estado sou eu» —, afigura-se-me naturalissima e muito justa. Posso tambem dizer: — «O n.º 15 sou eu». É realmente uma d'estas honras a que se não resiste, uma d'essas lisonjas que obrigam. Póde a patria contar commigo, que é o mesmo que contar com uma boa peça, — d'artilheira, bem entendido.

E ainda agora reparo nas minhas aptidões para a guerra. Foi uma verdadeira revelação este caso. A excitação dos heroismos em perspectiva descobriu na minha pacata individualidade uns mundos ignorados de valentia e de tactica, thesouros inexauriveis de mil qualidades bellicas, cousa parecida com o genio guerreiro d'Alexandre, de Cesar, de Napoleão, de Moltke. Eu era um heroe sem o saber. E lembra-me que tudo ficaria n'uma obscuridade modesta, se — o 14 tivesse apparecido! Mas o 14 não apparece: levou-o o diabo, — quero dizer, levou-o o destino, que me guardava toneladas de gloria.

As voltas que o mundo dá! Ainda hontem, eu era apenas um homem, e hoje sou nada menos que um numero, — um numero com dous algarismos, até. Fazia planos d'artigos de fundo, e qualquer dia vou



fazer planos de campanha. Manejava a penna no socego recolhido do gabinete, e não tarda que vá manejar a espada na barafunda ruidosa dos campos de batalha. Um deslumbramento.

E é de notar que as honras atropellam-se aqui n'uma furia insana. As promoções chovem. Se hoje simplesmente sou o n.º 15, amanhã, — quem sabe? — serei talvez o 28 da 4.<sup>a</sup> É a chrysalida do metamorphismo militar. N'essa invejavel posição social, farei exercicios de recruta em ordem de marcha, trarei os — sessenta — da ordem na patrona, comerei ao almoço e ao jantar os succulentos feijões do *menu* da caserna, e levarei pontapés do sargento da companhia. Tem essa gloria suas agruras, é certo, mas as compensações pullulam. Tambem eu farei a côrte às criadas de servir, marcarei passo no coice das procissões, e darei boas coronhadas nos meus estimados compatriotas. Do avatar enunciado até á situação d'alferes, as garantias progridem espantosamente. Como alferes, então, terei por alvo a conquista de meninas anemicas, e a ingestão immoderada de muitas chavenas de café. Em seguida, os postos impõem-se cada vez mais tumidos de dignidades e de privilegios, até ao zenith de general de divisão, em que montarei um grande cavallo branco, e terei por missão tingir todos os dias o bigode. Não será bello isto?



\*

Mas a iniciação é que apresenta realmente suas dificuldades. Primeiro que seja dado apto para — mantenedor da ordem —, submettem-me a provas muito mais formidaveis que na maçonaria ou no carbonarismo. Assim, tenho de me perfilar encostado a uma bitola com corrediça, para se vêr se tenho a porção de decímetros e centímetros exigida. É uma cerimonia a que ninguem logra submetter-se, sem sentir latejar nas fontes a consciencia d'um ridiculo atroz. O neophyto reconhece-se vagamente deprimido às proporções de sapato vertical a que se está tomando medida. Imagina-se involuntariamente um gigante deitado ao comprido pela rua fóra, dormindo a sua sésta á regalada, n'uma attitude desleixada e caprichosa em que mette as pernas pelas janellas da sala da inspecção, e de que o inspeccionado é um pé reclamando bota nova.

Depois vem a inspecção medica, uma cousa cheia d'impudores e d'inconfidencias plasticas. Eu então, que não sou precisamente um Apollo de Belveder com todas as linhas ideaes do cinzel artistico, tremo só de pensar na desprotecção esthetica da sobreca-saca enchumada e da calça cortada segundo as regras profundamente scientificas do Keil. Nem uma camisola, nem ao menos uma folha de parreira. A verdade brutal. Concebe-se facilmente que os senho-

\*



res facultativos militares professam pelo ideal da arte um respeito mediocre. Os Hercules Farnesios não abundam, escasseiam mesmo. Pena é que o recenseamento não aproveite a mais bella, — ou melhor, — a menos feia metade do genero humano. A sciencia official encarregar-se-hia de desenganar os poetas quanto a perfeições anatomicas das Venus de Medicis e de Milo que por ahi fazem a peregrinação do Chiado ou da rua de Santo Antonio, com as rubricas de *madame* Aline e de *mesdemoiselles* Bouhards. Perante a lei que manda apresentar a porção sincera do homem, — isto é, — o cidadão extreme e nu ao olho perscrutador da physiologia, os Adonis resolvem-se em esqueletos grotescos, os Narcisos affirmam-se em meras imagens de roca, — sem tunica. E quando esses especimens ridiculos d'uma raça decadente, confiam aos inspectores solemnes as falhas da sua angulosa estructura organica, n'um adoravel abandono de tibias descarnadas e de musculos hypotheticos, sem camisola e sem folha de parreira, os senhores facultativos do exercito mandam-lhes deitar a lingua de fóra. Elles, os taes especimens, obedecem, e ficam-se um instante de lingua pendente e queixos muito abertos, como cães hydrophobos. Deve ser uma cousa muito comica. Eu morreria de riso á vista de tal espectaculo, ou mesmo á sua simples idéa, se me não lembrasse, — ai de mim! — que tambem serei compellido a patentear mais dia menos dia ignotos thesouros de calcareo condensado em ossos, e a deitar a lingua de fóra.



\*

Seja tudo pelo amor da Patria. A obediencia passiva não me agrada lá muito, mas emfim, o certo é que o n.º 15 sou eu. Forcejarei por me tornar digno d'esses dous algarismos em que farejo o embrião d'uma epopêa. E depois, eu tenho um nome predestinado aos heroismos, um nome francamente feroz. Até n'elle se revela a mão do destino.

Uma idéa me occorre, entretanto: se os fiscaes scientificos da patria me refugam por invalido? se me não julgam um animal capaz de a servir? Digase desde já, sem mais preambulos: essa idéa constitue um receio, receio infelizmente bem fundado. Outros diriam — uma esperanza. No momento actual da sociedade portugueza, as dedicações pelo torrão natal só despontam d'anno a anno nos jornaes, em commemoração rhetorica d'anniversarios gloriosos. Anceia-se a fortuna d'um numero alto, e, na duvida, prepara-se muito d'antemão o terreno para escapar á contingencia d'um numero baixo. Põem-se por obra todos os meios imaginaveis, — e mais alguns: a fabricação de documentos falsos, a accumulção de dinheiro para pagar cumplicidades e em ultimo caso a substituição, a galopinagem desenfreada em eleições como emprestimo de serviços a um partido que tem de remuneral-os, a batota com as esferas dô sor-



teamento, a mutilação de membros essenciaes ao trabalho militar. Traficancias que insinuam o pensamento d'outras traficancias inconfessadas, quasi inconfessaveis. Ha rapazes que chegam a desejar a morte dos paes, para se livrarem do recrutamento como filhos de viúvas pobres. É um encadeamento infinito de baixezas e d'infamias. O que se quer é fugir das fileiras, dê por onde der; e, n'esse ponto, treguas á satyra, — o povo tem razão.

\*

Para a sociedade portugueza, a vida militar não apresenta nenhum attractivo: nem a velha influencia intuitiva das guerras, que serviram de vehiculo ás civilisações antigas, precursoras das modernas, — nem o attractivo espectacular dos actuaes exercitos europeus, com suas pretensões a agentes scientificos, como o exercito allemão que fez ao imperio germanico a fronteira que Bismarck qualificou de scientifica. Outr'ora, em Portugal, o manejo das armas justificava-se com a conservação da independencia nacional, com o desejo de fazer conquistas. Os cabos de guerra que assassinavam hespanhoes em Aljubarrota e roubavam brahmanes em Malaca operavam de boa fé nas suas delapidações e nas suas matanças. A myopia social da idade média só lhes deixava vêr a patria que era preciso locupletar e defender, á custa



dos haveres e do sangue alheios. Estavam na fatalidade da sua época, e mesmo, sem dar por isso, ajudavam a marcha da civilização com a influencia necessaria das suas conquistas e das suas invasões. Communicavam idéas e recebiam idéas, por uma especie d'exostose e d'endosmose social. Hoje, tirado aos exercitos o papel d'agente civilizador, desempenhado pelas vias ferreas, pelos telegraphos, pelas machinas, pela imprensa, — o que lhes resta de nobre, directa ou indirectamente?

Nem sequer o aspecto decorativo. Os uniformes são feios. A *gaucherie* do indigena agrava ainda a fealdade. As ruas andam cheias de galuchos com um parecer desolado, mãos pendentes ao longo do corpo n'uma attitude compromettida, de fardetas curtas e desgraciosas, enormes butifarras que aleijam os pés, calças amplas como saccas e de cóses muito descidos, — a deixarem passar nesgas d'umas grossas camisas d'estopa, colleira de bezerro no pescoço, bonet microscopico no alto da cabeça. O soldado portuguez é a antithese perfeita do *tourlourou* parisiense. É feio, inutil, ridiculo, e tem um medo que se pella dos berros charlatanescos do seu sargento. Faz o cidadão muito bem em não querer ser ridiculo, nem inutil, nem feio, nem medroso. Eu, pelo menos, não quero, — saiba-o a Patria. Sou um rapaz serio, tenho mais que fazer do que namorar criadas de servir, sou util na medida do meu prestimo, bonito, — está claro! — elegante, e não tremo senão com o meu nervoso. Morreria de dôr se tivesse d'abandonar a pen-



na pela espingarda, se tivesse d'usar barrete de macaco no alto da cabeça, e de me assustar com as vozes de commando de qualquer furriel. Procure a Patria outro defensor. Pela minha parte, não estou resolvido a conter a Hespanha em respeito.

\*

Foi-se a poesia da polvora e das lanças, a brilhante phantasmagoria do velho patriotismo que trucidava populações inteiras, violava mulheres, saqueava lugarejos indefesos, a pretexto de sobredourar a gloria nacional. Para os rapazes de hoje, entrar na carreira militar não é seguir o caminho das heroicidades nem marchar para os pomposos triumphos guerreiros; é simplesmente estar de sentinella a uns casebres que de certo não pensam em fugir, levar bofetadas dos senhores alferes irritaveis, dormir n'uma caserna asquerosa em companhia de parasitas pouco agradaveis, sujeitar-se ao estúpido regimen feculento d'eternos feijões e d'eternas batatas, arriscar-se a quatro dias de calabouço por um collarinho mal escondido na gola da fardeta, etc.

Apesar d'essa repugnancia manifesta, confessada pelos proprios governos que ordenam o armamento annual de milhares d'homens, — apesar de se reconhecer que os exercitos permanentes são um poço de dinheiro inutil e um simples aggregado theatral



de comparsas que não mettem medo a ninguem, o recrutamento faz-se todos os annos com todo o seu cortejo d'iniquidades, de torpezas, de traficancias, de mercantilismos. O bom senso do povo reage contra elle, mas os governos reagem contra o povo. Lá se entendem.

O nivel da consciencia humana subirá de ponto no dia em que os exercitos permanentes acabarem. Acabará com elles a maior parte das causas morbidas da sociedade. Cessarão os mais poderosos meios de violencias eleitoraes, de corrupções, de compras e vendas do que nunca deveria poder comprar-se nem vender-se. N'esse dia, começará talvez a politica a ser essa bella sciencia preconisada por Augusto Comte, porque o suffragio principiará de ser uma opinião, em vez de uma moeda que é.

\*

A Patria vai ficar desconsolada quando souber que os meus compatriotas estão impossibilitados de a servir. Quasi todos anemicos, chloroticos, syphiliticos, cacheticos, escangalhados, emfim. Somos uma raça espuria apodrecida no monturo da civilisação moderna. A evolução da especie está por pouco a eliminar-nos do catalogo da zoologia, e faz a evolu-



ção muito bem. Nunca as mãos lhe doam, se é que as tem.

Somos os portuguezes da decadencia. Um sentimento de respeito invade os espiritos pelos valentes que ainda hoje apparecem, brilhantes excepções que mais notavel tornam a nossa degeneração, e que representam o effeito d'uma existencia sciente ou inscientemente hygienica.

Actualmente, o indigena sente a estrutura organica deprimir-se-lhe ás proporções de caranguejola. Adivinha que lhe borbulham tuberculos no pulmão, que lhe nascem escrofulas no estomago, que se lhe cariam os ossos até á porosidade da cortiça, que se vai a desfazer; e toma chá preto com torradas. Vive n'uma cousa a que chama casa, sem ar, sem luz, demasiado quente no verão e demasiado fria no inverno, entre os miasmas das alcovas fechadas e a tristeza dos saguões viscosos. Mette-se nos cafés a escutar e a dizer mexericos, a tomar *cognac*-prussico, a respirar uma atmospherá viciada. Come pouco e mal. Tem vicios exquisitos, um relógio no prego, uma ou duas doenças secretas, a ambição de ser nomeado amanuense de secretaria, um oitavo do Campeão ou do Fonseca, fuma cigarros d'oito por boquilhas kilometricas, deve as gaspeas d'umas botas ao sapateiro da esquina, e dá o cavaco por ouvir tocar o fado.

Ás vezes, nos seus momentos lucidos, pensa de si para comsigo que resvala n'um abysmo de ruina physica e de ruina moral. Resolve-se á energia dos



grandes remedios, cobra animo; e então, cheio d'austeras decisões sociaes, annuncia que dará boa gratificação a quem lhe arranjar um emprego de pouco trabalho, — decente, — e põe-se a emborcar um numero incalculavel de frascos de xarope de Gibert. Fica-lhe o estomago dessorado para todos os dias da sua vida. Deixa de ser um homem para ser uma dyspepsia ambulante.

\*

N'esta situação se encontra hoje a sociedade portugueza. É fresca, a tal sociedade! Quem pôde dizer alguma cousa a esse respeito é o snr. Assis, o eximio especialista de Faro. Interrogue-o a Patria, e verá. Não, não o interrogue. Perdôe-me a Patria a penosa distracção que me levou a dar-lhe semelhante conselho, inconveniente pela feminilidade do ente a que me dirijo; mas creia que não pôde appellar para os serviços dos seus filhos, entre os quaes me conto eu.

Emfim, ficamos n'isto: eu sou anemico, debil como um valetudinario, nervoso como uma menina sentimental que sonha com a dôce pallidez do luar e com os dôces do Baltresqui. Tenho muita honra em ser o n.º 15, mas declino as responsabilidades d'es-



---

se lisonjeiro numero. Escusa a Patria de contar commigo: lá se avenha com — as hostes inimigas, — que eu tenho mais que fazer do que derrotar os exercitos castelhanos.

### VIII

As festas do centenario de Camões estão destinadas a fazer uma revolução gravissima na noção do Bello artistico, legislando soberanamente sobre a primazia das fórmãs femininas. Trata-se de conferir um premio á mulher mais formosa que concorra ás festas como parte do programma estabelecido, com tanto que essa mulher seja dos arrabaldes do Porto e vista a sua plastica com a esthetica das roupas peculiares ás camponezas da região.

As maiatas, para terem direito á consagração da sua belleza no concilio dos dignos mercieiros que fazem do Palacio de Crystal teatro das suas patuscas artisticas, hão-de ser absolutamente fieis á tradição local: podem ser d'uma belleza irreprehensivel, d'uma completa regularidade de fórmãs; porém, se vierem enroupadas nos trajes do ultimo figurino parisiense, se vestirem estofos do *Bon Marché* ou adornarem o collo com *rivières* de Becker, passarão



pelo desgosto de ficar sem premio, — e sem formosura. O concilio delega plenos poderes no snr. Joaquim de Vasconcellos; e o snr. Joaquim de Vasconcellos, do alto da plataforma de Santo Angelo, quer dizer, do alto do mirante do Palacio, lança o *anathema sit* sobre as *toilettes* da snr.<sup>a</sup> Cecilia Fernandes. Requer-se pontificalmente a accumulção de dezenas de saias nos quadris da mulher, a chinela de bico arrebitado como a prôa d'uma gondola veneziana, uma taboleta d'ourives lavroste sobre o peito, o chapéo d'aba encanudada e borlas de sêda azul na cabeça. É orthodoxo isto, parece. E o premio, conferindo á mulher escolhida a palma da belleza, dá naturalmente a essa belleza a consagração definitiva.

\*

Terriveis inconvenientes podem resultar d'este golpe d'estado artistico. Vê-se n'um futuro bem proximo a desordem entrar nas fileiras da arte, e os pintores, os esculptores, os romancistas, os indagadores d'ideal, emfim, dividirem-se em innumeras seitas hereticas, por causa d'este syllabus nascido ao pé do quartel d'infanteria 10, no cheiro a bacalhau da Terra Nova que se evola dos armazens de Cima do Muro. Um schisma de tremer céo e terra.



Só assim é possível decretar em materia d'arte, levando o Bello para os mais desconsoladores chafurdos do realismo contemporaneo. O snr. Joaquim de Vasconcellos, {que tão apaixonado se mostra das fórmulas camponias, bem podia poupar aos artistas a terrível alternativa de preferirem nas suas creações á mulher a femea, ou de correrem o risco de ser expulsos da communhão do Palacio de Crystal.

Carolus Duran, quando quizer lisongear o retrato d'alguma parisiense desejosa de figurar no *Salon*, hade pintal-a com as feições achatadas pelas intempéries do tempo, deformadas pelo rude trabalho do campo; e Gustavo Droz, quando tiver de descrever o elegante perfil d'uma linda mulher espirituosa, d'um d'esses typos femininos que agradam pela delicada gentileza, dirá pouco mais ou menos que ella, bem longe de ter mãos de duqueza e labios de coral, tem callos na mão direita, da rabiça do arado, e uma rachadella no beijo inferior.

\*

A Venus de Medicis, que a *Banhista* de Gustavo Courbet não tinha conseguido apagar dos bons modelos artisticos, vai d'esta vez ficar esmagada sob as decisões do snr. Joaquim de Vasconcellos, só porque



---

o snr. Joaquim de Vasconcellos gosta das maiatas. É uma tyrannia; e, se nós podessemos dobrar-nos á intriga, havíamos d'afugentar do concurso as maiatas, insinuando-lhes vagas desconfianças na aproximação entre o premio da belleza e a proposta de uma gruta consagrada nos jardins do Palacio á memoria de Camões.

---



e sur le point de Vasconcelos, gela les autres. Il  
 est très difficile de les mesurer et de les  
 faire passer dans les trous de la terre. Les  
 animaux qui sont dans les trous de la terre  
 sont très nombreux et ils sont très  
 nombreux. Ils sont très nombreux et ils  
 sont très nombreux. Ils sont très nombreux  
 et ils sont très nombreux. Ils sont très  
 nombreux et ils sont très nombreux. Ils  
 sont très nombreux et ils sont très nombreux.